

"A FOME COM A VONTADE DE COMER". UMA PROPOSTA CURRICULAR DE EDUCAÇÃO INFANTIL

*Joseane Maria Parice Búfalo**

DEHEINZELIN, Monique. *A fome com a vontade de comer*. Uma Proposta Curricular de Educação Infantil. Ed. Vozes, 1994, Rio de Janeiro, 215 pp.

Este livro tem como tema central uma proposta curricular de educação infantil, inicialmente feito para a Bahia.

A autora nos coloca que podemos considerar um avanço tratar as pré-escolas de educação infantil, pois historicamente a pré-escola tem o sentido de guarda da criança através de jogos e brincadeiras com uma visão assistencialista e não com uma conotação educacional. Ou então, como o próprio nome indica, com uma visão de preparação para a escola do primeiro grau.

A criança tem uma visão diferenciada de mundo da visão de adulto. Este serve como mediador entre o conhecimento que a criança tem e o que ela vai tomando contato no decorrer da sua vida.

Na escola esta mediação deve ser formalizada, isto é, temos que estabelecer uma intencionalidade educativa na escola.

A intenção desta proposta é aproximar a função do professor da função do artista, ou seja, como os alunos podem estar transformando seus conhecimentos prévios e estar criando novos caminhos para o pensamento humano.

E para isso, para que o professor tenha domínio de sua arte, ele necessita de um currículo que sirva como um instrumento para o seu trabalho. E para que tenha acesso aos fundamentos conceituais que deram origem ao construtivismo.

Esta proposta curricular é composta de um marco curricular e de um projeto curricular, os quais a autora os define como Marco curricular: sistema de idéias e conceitos que dão origem e consistência ao trabalho do professor, é concebido em quatro níveis incluídos uns nos anterio-

res: nível antropológico, filosófico, psicológico e pedagógico. O marco curricular contém os pressupostos conceituais que fornecem o lastro imprescindível para compreensão dos fenômenos envolvidos nas relações de ensino-aprendizagem e os elementos que tornam observável para o professor a sua prática pedagógica.

O projeto curricular contém especificações metodológicas e didáticas para o desenvolvimento da intencionalidade de ensino-aprendizagem de quatro amplos objetos de conhecimento: como os profissionais da educação infantil estão incumbidos de ensinar Língua Portuguesa, Matemática, Ciências e Artes para as crianças pequenas.

Os itens do projeto curricular estão incluídos uns nos outros, bem como incluídos nos itens do marco curricular, de tal modo que marco curricular e projeto curricular compõem um todo coerente, harmônico e dinâmico.

São abordados os seguintes itens: Objeto de conhecimento, Conteúdos específicos, Objetos de ensino-aprendizagem, Estratégias de ensino-aprendizagem e Instrumento do professor.

Entre os níveis curriculares expostos pela autora, quero discutir um pouco sobre o nível pedagógico, ao qual a autora se reporta como sendo o nível que deve incluir a intencionalidade educativa e a função da escola, ou seja, se a pré-escola deve ou não funcionar como escola.

A autora tenta nos convencer de que a educação infantil é uma educação escolar. Segundo ela, não devemos entender com isso que esta deva ser uma réplica do primeiro grau, mas que deve ter um currículo próprio e que as necessidades físicas das crianças, como a alimentação, o repouso e o aspecto afetivo devem estar incluídos, mas é necessário algo além disso, é necessário o conhecimento, ou seja os conteúdos.

Para mim, ela não deixa claro qual é esta educação escolar, pois ao mesmo tempo que nos coloca que não deve ser uma réplica do primeiro

* Pós-graduanda da Faculdade de Educação da UNICAMP.

grau e nem uma preparação para o ensino posterior, ele também não define claramente a sua característica.

Há exemplo de frases no livro que ilustram esta postura da autora, como: "Cotidianamente nos defrontamos com questões que envolvem a aritmética; na distribuição de material, na arrumação da *sala de aula* para a próxima atividade..." (pg. 109), "Medindo formas geométricas, como, por exemplo, o perímetro da *mesa de trabalho* das crianças (basta para isso um pedaço de barbante, instruir que este pedaço vale 1 e ver quantos "uns" têm o lado da mesa, sem se esquecer de registrar a cada passo os valores obtidos)..." (pg. 114) (destaques meus).

Se por um lado a autora avança em algumas discussões, como utilizar objetos para medir que não seja uma régua ou então utilizar-se do próprio cotidiano, como no caso a arrumação da sala para estar ensinando às crianças os conteúdos a que se propõe, há também um outro avanço importante que é a proposta de trabalhar a geometria junto com a aritmética a partir dos próprios objetos do dia a dia da criança.

No entanto, para mim fica uma contradição muito forte em se tratando de educação infantil, pois como nas próprias frases acima citadas, faço alguns destaques de palavras: sala de aula e mesa de trabalho, as quais podem parecer sem muita importância, mas no entanto refletem uma concepção de infância dentro dos padrões burgueses e capitalistas, da não valorização da cultura infantil, do não direito de a criança ser criança, ou seja, ela acaba perdendo o direito ao brincar em substituição ao trabalhar.

No meu entender, esta visão que a autora nos coloca, de que a educação infantil deve ser encarada como escola, não me é convincente. Principalmente em se tratando de instituições onde existem crianças na faixa de idade entre 0 e 6 anos e que permanecem nesses locais aproximadamente 12 horas por dia.

Desse modo, a autora escreve coisas interessantes e relevantes no que diz respeito à educação infantil, como de os conhecimentos fazerem

parte da vida da criança, isto é, de serem significativos e partirem da realidade dela.

Mas no meu entender, é necessário avançarmos nessa discussão. Temos que sair do conceito escolar e construirmos um outro, para que esta realidade seja adequadamente trabalhada.

A meu ver, o currículo não pode ser dividido em duas esferas: uma de conteúdo, e outra de necessidades físicas e emocionais. Acredito que dessa forma estaremos reforçando o pré-conceito de que a criança pobre precisa ser assistida nas suas necessidades físicas e emocionais, pois quando "a tia da escolinha" particular escova os dentes das crianças, ela pode estar trabalhando ciências, enquanto que as instituições públicas simplesmente assistem às crianças.

TECENDO POR TRÁS DOS PANOS

*Márcia Aparecida Gobbi **

ROCHA COUTINHO, Maria Lúcia. *Tecendo por trás dos panos; A mulher brasileira nas relações familiares*. Rio de Janeiro, Ed. Rocco 1994, 249 pp.

O papel social da mulher vem alterando-se há décadas. Tempos atrás pensávamos com base nas ciências biológicas que nos mostraram de forma determinista a diferença entre homens e mulheres. Assistimos em um outro período a uma certa convivência das ciências sociais que, de um modo geral, tendiam acreditar no ponto-de-vista masculino que encarava o poder exercido pelas mulheres com ilegítimo ou menos importante, voltando suas pesquisas para a autoridade e o poder exercido pelos homens. Hoje, após vários estudos e lutas das mulheres é possível pensarmos que ser homem e ser mulher são categorias socialmente construídas, resultado de uma intrincada rede de significações sociais.

* Pós-graduanda da Faculdade de Educação da UNICAMP.